

Formação Permanente 2021



Cultura do coração em santo Agostinho
Reflexões sobre sua experiência.

CULTURA DO CORAÇÃO EM SANTO AGOSTINHO
REFLEXÕES SOBRE SUA EXPERIÊNCIA

Minha reflexão não é o resultado de uma investigação sobre a cultura¹ em geral, mas uma fagulha provocativa resultante do entrar sem preconceitos no mundo do *diálogo com a cultura* a partir da experiência de Agostinho. Não é bom, além disso é impossível, isolar-se do mundo onde se vive; ou seja, nascemos em uma plataforma na qual cada um é parte necessária de um jogo vital, devendo estar preparados para dar e para receber com partes desiguais. *Receber* podemos traduzir como um desejo de *busca*, surgido em série como impulso genético, preparando-nos para cobrir deficiências e para preencher os vazios com os quais nascemos e crescemos. Já *dar* é mais elaborado. Supõe logo de cara um tomar consciência de que não estamos sozinhos, mas partilhamos espaço, vida e liberdade com quem estão ao nosso lado. Precisamos entender-nos, chegar a um acordo razoável para habitar em paz na casa comum sem exclusões e em prestação mútua de serviços. Tudo irá bem, se estivermos decididos a nos converter em um *dom*, a forma inteligente de mudar, na esperança de que os outros também jogam suas cartas com lealdade. O certo é que as experiências nem sempre são válidas na realidade. Daí, a experiência frustrante do desencontro. Essa é a essência do diálogo.

Agostinho compreendeu logo que a vida é encontro e entrou finalmente no primeiro movimento do jogo, no começo, e se destacou desde muito jovem como investigador de todas as manifestações sensoriais e cognitivas. Não indicando logo o risco de sair (*foras ire*). Mais adiante daria muita atenção, fazendo-o dar uma freada, para iniciar o caminho do regresso à casa do coração (*in teipsum redi*). Não

¹ Não me preocupa agora a definição de cultura nem pretendo adentrar-me no mundo da cultura na época de Agostinho. Aos interessados nesse modelo de estudos os remeto a outras fontes. José Oroz Reta, *Santo Agostinho, Cultura clássica e cristianismo*, Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca 1988; Pedro Langa, *Santo Agostinho e a cultura*, Editorial Revista Agustiniiana, Madri 1998. Sigo a linha do Papa Francisco, quando escreve sobre a cultura como forma de viver: “A palavra ‘cultura’ indica algo que penetrou no povo, em suas convicções mais entranháveis e em seu modo de vida. Se falamos de uma ‘cultura’ no povo, isso é mais que uma ideia ou abstração. Inclui as vontades, o entusiasmo, e finalmente uma forma de viver” (Ft 216).

será nada fácil conjugar a dupla dimensão do diálogo: *dar e receber*, sair sem deixar de estar dentro, buscar não para se perder fora, mas para amadurecer dentro, abrir-se sem esquecer o bem comum da verdade, dizer sim e aceitar o interlocutor, ao mesmo tempo reafirmar-se na própria identidade inalienável. Agostinho foi passando de uma em uma por todas as etapas, eliminando as que não preenchem o vazio interior. Assim resume ele a razão da desarmonia:

Onde estava quando Vos procurava? Vós estáveis diante de mim; porém eu apartava-me de mim e, se nem sequer me encontrava a mim mesmo, muito menos a Vós! (*conf.* 5, 2,2).

Que incoerência em um homem tão inteligente como Agostinho! Mas assim ele o confessa, como expressão de que a vida com frequência foge à lógica racional.

É tão sedutora a perspectiva que se abre ao entrar na dinâmica do diálogo; há o perigo de se perder já no começo, sem encontrar a via de retorno. Talvez por isso, o Agostinho desconfiado avisa com seu famoso *noli foras ire*, enquanto dá como chave o *in teipsum redi*. Ou seja, a conquista do realmente bom e construtivo da pessoa não um troféu único caçado no exterior, mas o resultado de um encontro que arde dentro da própria pessoa. Não se trata de ir a algum lugar, mas de saber estar onde te plantaram e, daí, abrir janelas ao mundo, porém sem perder jamais contato com o ponto de partida, porque é preciso para ‘retornar à casa’ depois de cada saída. É muito perigoso sair sem ter à mão e, sobretudo, no coração a contrassenha para não errar ao voltar. “Trata-se de olhar para dentro, para logo poder olhar para fora a partir de dentro” (Pablo d’Ors).

Vou tentar seguir os passos de Agostinho em seus movimentos de saída, arrastado pelas piscadelas sedutoras que lhe falavam com promessas de cultura e plenitude. Sua inteligência estava aberta a uma torrente de chamadas, que ataçavam seu coração com iscas contínuas já desde sua juventude. E sem a tradição imprescindível da posse da verdade, seu coração apaixonado começou a sair e a resvalar até cair. Tomou consciência de seu erro. Cada vez sentia mais sede e desejos de calma: “Nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (*conf.* 1, 1,1).

Muito cedo, sem pensar muito, entrou no carro da vida, sem medir bem os riscos. Pensou que ao ‘sair’ já teria resolvido o problema da solidão do coração. Não havia se dado conta de que não é o mesmo apascentar os sentidos e incitar as paixões que saciar o coração; e penetrou na exposição das frivolidades e experiências sensoriais. O alarme de seu coração inquieto o despertou. Não havia ganhado muito com saída; o que precisava era uma acareação com a verdade, sem a qual é impossível achar descanso, sossego e paz. Di-lo-á mais tarde com matizes de conquista:

Por que andar de contínuo por caminhos difíceis e trabalhosos? Não há descanso onde o procurais. Procurais a vida feliz na região da morte: não está lá. Como encontrar vida feliz onde nem sequer vida existe? (*conf.* 4, 12,18).

Passando sobretudo através de sua autobiografia nas *Confissões*, nos permite ver a miséria e a grandeza ao mesmo tempo de quem dialogou até o limite com o mundo e com a cultura de seu tempo, descobrindo finalmente que o diálogo não é esquecer de si mesmo, não é ruptura com a própria identidade, nem renunciar à verdade, deixando-se arrastar por cantos de sereias, mas abrir janelas mais para dar que para receber. E, sobretudo, chegou a entender que o diálogo é uma ferramenta para construir, a partir da verdade, a própria casa e colaborar na fundação da do próximo. Por isso, com o aprendido na própria carne, mais adiante, já maduro, aceitou se pôr a serviço da Igreja como sacerdote e como bispo. Sua experiência pode servir para o entendimento de nossos problemas, para não repetir erros.

PASSOS DO PROCESSO VITAL DE AGOSTINHO

Agostinho vive imerso em uma cultura

Agostinho se enredou como qualquer outro jovem de seu tempo nos laços do amor: “Que coisa me deleitava senão amar e ser amado?” (*conf. 2, 2,2*). Buscou o máximo dessa oferta estimulante e auspiciosa, e do fruto dessa experiência nasceu seu filho Adeodato, tendo um lugar importante em sua vida; porém nem o filho nem a mãe conseguiram preencher suas aspirações mais profundas.

Entrou em contato com a cultura de seu tempo, que lhe permitiu ler e desfrutar dos clássicos. Sentiu-se dono de um saber, colocando-o na elite da sociedade. Para aclarar suas dúvidas razoáveis, entrou em contato com quem pretendia dar-lhe respostas e, ao final, nunca chegaram, como no caso de seu esperado encontro com o professor Fausto. Contará com a sorte de encontrar amigos, e estes lhe abrem a porta de um mundo novo, mais amplo e estimulante: os neoplatônicos; elevam-no a um mundo superior de conhecimentos filosóficos. E, sobretudo, conseguiu rodear-se de amigos, com quem pôde refletir sobre princípios e verdades últimas. Com eles formou um cenáculo de reflexão no Cassiciaco, sala de espera de um encontro que mudará sua vida.

Inteligente e decidido, Agostinho se interessou pela literatura, gramática e retórica, até chegar a ser professor em Roma e mestre em oratória, pelo que, em parte graças a seu amigo o prefeito de Roma, Símaco, foi nomeado mestre de retórica em Milão, abrindo-lhe o caminho até chegar a ser orador imperial. Destacase como conhecedor dos clássicos e dos neoplatônicos, ajudando-lhe a resolver o problema do materialismo e do mal. É um mestre na arte da palavra, sabe vender seus conhecimentos, mas não vive com gosto suas coisas e se sente desiludido, internamente insatisfeito, reconhecendo-o assim ao descrevê-lo na cena do mendigo feliz:

Eu a aspirar às honras, às riquezas, ao casamento, e Vós a rirdes-Vos de mim! ... Como era miserável! ... O meu coração agitava-se com estes cuidados e ardia de febre de pensamentos corrompidos, quando, ao

passar por um bairro de Milão, reparei num pobre mendigo, já ébrio, julgo eu, mas humorístico e alegre... Não possuía o ébrio, é certo, a alegria verdadeira. Mas, com tais ambições, eu buscava-a muito mais falsamente (*conf.* 6, 6,9).

Agostinho se desenvolve com êxito em consonância com o ambiente em que vive. Mas essa experiência é-lhe indigesta e inquietante. Deixa-se levar pelo ambiente, pelo peso de seus desejos e paixões. Ao final, cai nas redes de uma forma de vida (cultura ao fim), que não limpa sua *mente* lúcida, crítica e exigente nem traz paz ao seu *coração*, que explodia pela desordem interior:

Eu rangia em espírito, irando-me com turbulentiíssima indignação, por não poder seguir o vosso agrado e aliança, ó meu Deus (*conf.* 8, 8,19).

Pela pista da razão lhe entram o saber e o conhecimento dos clássicos e da filosofia, enchendo sua mente de conceitos. Mas sua vida não se satisfaz com um saber desconexo da vida, embora escale as cimas mais altas da sociedade. A outra dimensão, a que sacia o coração e o liberta das inquietudes, não anda paralela ao saber. No caso de Agostinho se torna um desgosto.

Para Agostinho, a cultura não é só (nem principalmente) uma forma de entrar friamente no mundo do saber para armazenar conhecimentos, mas, sobretudo, uma decisão de se lançar no círculo da vida para se encher de experiências partilhadas. Basta ler suas *Confissões*. Todo seu saber está colorado de reflexões que matizam situações, êxitos e fracassos, interpretados a partir de uma perspectiva não assimilada nas fontes dos clássicos. Sua vida aparece como um processo, no qual há um primeiro movimento de *saída para buscar*, uma *experiência frustrante* a inquietá-lo e desassossegá-lo cada vez mais e forçando-o a continuar buscando, até *encontrar* ALGUÉM que está à sua procura.

Invoco-Vos, ó meu Deus, misericórdia minha, que me criastes e não Vos esquecesteis de quem Vos esqueceu... Agora, não desampareis aquele que Vos invoca. Vós me prevenistes antes de Vos invocar, e instastes comigo tantos e repetidos modos para que3 de longe Vos escutasse, me convertesse e chamasse por Vós, que chamáveis por mim (*conf.* 13, 1,1).

As vossas palavras tinham-se gravado no íntimo do meu coração. Vós cercáveis-me de todos os lados (*conf.* 8, 1,1).

Ao final, em parte por sua honradez de buscador infatigável e, sobretudo, pelo amor misericordioso do Pai, se dá o *encontro* com a verdade, que liquida seu passado, dá sentido a seu presente e o compromete a um empreendimento de futuro.

A saída como busca

O jovem Agostinho responde à chamada exterior de ofertas sobretudo sensoriais:

Vim a Cartago. De todos os lados fervia a sertã (*sartago*) de criminosos amores... Minha alma não tinha saúde, e, ulcerosa, lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis (*conf.* 3, 1,1).

Com esta avidez descontrolada, Agostinho “em um estado de efervescência”, e “seguindo os impulsos de (sua) dispersão” (*conf.* 2, 2,4), afastou-se de Deus, andou

errante e se converteu em uma “região miserável” (*conf.* 2, 10,18). É o destino de uma saída não adequadamente preparada.

Em Roma se simpatiza com a cultura e o ensinamento, e em Milão se sente arrastado pela glória e pela honra. Esta etapa, longa e dolorosa que vai durar até sua conversão, o mantém atento a toda oferta que possa saciar sua fome de verdade, mas termina com a sensação clara de fracasso, e assim confessa isso a seu amigo Alípio.

Por que sofremos? Que significa o que acabas de ouvir? (Relato de Ponticiano sobre as comunidades monásticas e um monastério extramuros em Milão). Os ignorantes levantam-se e arrebatam o céu, e nós, com doutrinas insensatas, eis como nos revolvemos na carne e no sangue (*conf.* 8, 8,19).

Agostinho não encontra a chave, em parte por causa de seu orgulho, que o cega e o impede de encontrar a porta. Voltas e mais voltas, não encontra repouso, porque em sua busca descartou uma pista de acesso à verdade: a leitura da Bíblia, com seu estilo pobre em comparação com os clássicos, parecia-lhe inaceitável. E, não obstante, ao final será uma passagem de São Paulo a lhe mostrar o caminho.

Em diálogo com tudo o que há em seu caminho

Para o jovem Agostinho é sufocante o ambiente de seu povo e a disciplina familiar é cansativa; sobretudo não suporta as contínuas advertências moralizantes de sua mãe Mônica. Por fim consegue afastar-se do lar e com a sensação de liberdade passeia e se diverte em Cartago com os jovens de sua idade. Talvez não aprenda muito, mas se sente livre. Sem reparos alheios e sem critério partilha sentimentos com uma jovem, que vai ser a mãe de seu filho Adeodato. Nada estranho e, por sua vez, pouco consistente. Não passa de uma experiência pouco iluminada, pois nesse momento sua consciência não está preparada para arrumar sua vida com um amor fiel.

Talvez os problemas que mexem com sua mente o preocupem mais, como a busca incansável de uma resposta ao problema da verdade ou a explicação da existência do mal. Aqui sim parece que precisa e busca uma resposta. Abre-se um capítulo novo em sua preocupação intelectual. É clara a importância que lhe dá em suas *Confissões*. Quer se encontrar com quem (diziam-lhe) pode lhe explicar a parte escura do problema. De acordo com sua sondagem, um tal Fausto poderia dar uma explicação razoável que acabaria com suas dúvidas sobre o maniqueísmo. Depois de esperar muito um encontro com Fausto, confessará sua desilusão: esperava uma resposta sólida de um vendedor de palavras.

Cada vez mais desconfiado por suas experiências negativas, em Milão terá uma dupla oportunidade. Já não pode perder tempo com outras provas. Seu coração está arrebatado por dentro e precisa de paz, que certamente não vai encontrar no entorno dos interesses palacianos, dos quais tem acesso, mas no recolhimento em Cassiciaco, onde vai poder se encontrar com amigos interessados pela verdade e

que, como ele, estão cansados de procurar sem encontrar. Ao mesmo tempo, por sorte, ouviu falar de Ambrósio, bispo de Milão, de reconhecido prestígio intelectual. Não consegue saber o que esperar de um encontro com ele, mas pede uma audiência.

Agostinho atuava em cada movimento convencido de que era ele quem ia encontrar a chave de sua vida e assim resolver seus problemas. Este esquema fazia parte de uma cultura na qual a busca era um convite a encontrar fora, ao final, descobrindo que estava dentro. Terá de esperar o toque da graça, no qual vai descobrir a força impetuosa de um *encontro* onde o mais importante lhe é dado. Jamais poderia imaginar que uma voz desconhecida no jardim de Cassiciaco o iria tirar de sua ignorância. Essa voz remetê-lo-ia à palavra do Deus amigo, servida pelo apóstolo Paulo.

Nada de glutonarias e bebedeiras, nada de orgias e obscenidades, nem discórdias e ciúmes. Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não atendeis à carne em seus desejos (Rm 13, 13-14).

A pergunta do milhão: Quem procurava quem? E por que se deu o encontro, depois de tanto disparate, escapadas e soberba?

Volta ao coração

A vida no exterior possibilitou a Agostinho muitas e valiosas experiências deixando-lhe pistas. Seu registro na memória e à flor de pele serão documentos valiosíssimos em primeira mão a levá-lo a servir por toda a sua vida. O que não aprendeu na cultura dos livros descobri-lo-ia ao voltar à intimidade do coração, onde encontrar-se-á com a verdade. Aqui vai forjar a *cultura da interioridade, do encontro e do coração*. E não falará ou escreverá de ouvir, conceitualmente, como quem simplesmente remete seu *saber*, mas com o coração na mão, a partir da *dor* de quem se sentiu longe de Deus, perdido “numa região desconhecida” (*conf.* 7, 10,16), e a partir da *alegria* de quem lhe dá graças por “terdes dissolvido, como gelo, os pecados” (*conf.* 2, 7,15).

Ao analisar a vida de Agostinho deparamos com a *dispersão*, como derramamento da alma, que perde sua unidade e consistência interior, deixando-se levar pelos sentidos, a curiosidade, a avareza e a luxúria – agentes da soberba – e apegando-se às coisas. A dispersão é perda da unidade interior da alma e do coração, para cair e se dividir no temporal e material. Este desmoronamento de nossa unidade íntima preocupa e inquieta o coração e assim, longe de Deus, quebrados e divididos pelas coisas, acaba por tornar toda abundância que não seja Deus em indigência (*conf.* 13, 8,9), até descansarmos de novo em Deus, uno e bom – *Deus une bone* – (*conf.* 13, 38,53).

Santo Agostinho escreveu a partir da experiência pessoal de seus anos de ‘indigência’ (*conf.* 13, 8,9) e ‘copiosa penúria’ (*v. rel.* 21,41), enquanto corre atrás

disto e daquilo, e tudo escorre de suas mãos (*v. rel.* 21,41). Viveu a dolorosa experiência da dispersão e da perda da unidade interior até sofrer fome e sede não apagadas a nenhuma realidade criada.

Se a pessoa individualmente ou a comunidade, se fecha em si mesma, se confunde ou se escraviza pelas coisas, deixa de ser fecunda e sua vida se desvanece e desmorona por falta de união com o tronco e a raiz da vida. Quando foge de si mesma e da unidade em Deus, já perdeu tudo; sua vida é como uma casa em ruínas, inabitada pelo Espírito e privada do amor que lhe dá impulso e coerência. A partir da *solidão infecunda*, perdida na multiplicidade dos sentidos e sempre à caça de momentos, de detalhes e de sensações prazenteiras – submetida ao anseio intransigente dos sentidos –, não é possível ter paz nem felicidade.

Por isso, se em teu interior como pessoa e em tua comunidade queres ser feliz – “e não existe na realidade razão alguma para pensar além dessa: conseguir o homem sua felicidade” (*ciu.* 19, 1,3) –, “entra dentro, não procures no exterior o deleite” (*s.* 255,6), pois “não é pelos sentidos corporais que descobrimos a vida feliz” (*conf.* 10, 21,30).

Santo Agostinho ensina o recolhimento e o centrar o olhar e o coração, para não se perder nas coisas nem em si mesmo:

Não queiras derramar-te fora – *noli foras ire* –; entra dentro de ti mesmo, porque no homem interior habita a verdade; e se encontrares que tua natureza é mutável, transcende-te a ti mesmo... Encaminha, pois, teus passos ali onde a luz da razão se acende (*v. rel.* 39,72).

A alma sofre o *foris* como uma prisão, enquanto o *intus* é descoberto como segurança e paz. Agostinho viveu sucessivamente em sua própria carne estas duas experiências. Ele entende a conversão essencialmente como um *retorno a si mesmo* e uma *redenção a Deus*.

Agostinhos insiste neste *regresso*, porque, segundo sua própria confissão, “pareceu-me estar longe de Vós numa região desconhecida (*conf.* 7, 10,16).

E, contudo, eu caminhava por trevas e resvaladouros e procurava-Vos fora de mim, sem descobrir o Deus do meu coração (*conf.* 6, 1,1).

A mente, apartando-se de Deus se obscurece, mas aproximando-se d’Ele se ilumina, porque em Deus está a luz. Longe d’Ele agoniza, espalhada entre as coisas; acercando-se d’Ele recobra a vitalidade interior. Agostinho insiste:

Não te contentes com o palpar a superfície, entra dentro de ti, penetra no mais profundo de teu coração (*s.* 348,2).

Que cada um entre na ermida de seu coração e examine-se a si mesmo sem bajulação. A maior estupidez que pode fazer um homem é a de tratar em vão enganar-se a si mesmo (*en. Ps.* 85,7).

Aqueles que querem gozar fora de si mesmos facilmente se dissipam e derramam naquelas coisas aparentes e temporais, lambendo com o pensamento faminto as imagens de tais objetos (*conf.* 9, 4,10).

E o agravamento do problema é a que dispersão se torna forte no costume.

Algumas vezes, submergis-me em devoção interior deveras extraordinária, que me transporta a uma inexplicável doçura, a qual, se em mim atingisse o fastígio, alcançaria uma nota misteriosa que já não pertence a esta vida. Deixo-me absorver e dominar pelas imperfeições habituais. Tão pesado é o fardo do costume! Não quero estar onde posso, nem posso estar onde quero. De ambos os modos sou miserável! (*conf.* 10, 40,65).

O caminho foi longo, com várias experiências e, ao final, fecundo pela misericórdia de Deus.

Como se forjou o retorno

A saída em fuga e o caminhar sem direção e sem critério não facilitam o encontro do que (não se sabe bem) se procura. Isto aconteceu com Agostinho: “querendo, chegou aonde não queria” (*conf.* 8, 5,11). Este é o final de um sair precipitado à caça do que não é uma realidade exterior, mas algo presente dentro da pessoa. Agostinho não sabia que, no fundo, estava procurando a Deus, e se lançou sobre as coisas e experiências, para ir rechaçando as desnecessárias (a cultura do ‘usar e descartar’), até que, quebrado em seu fracasso, se deu conta de seu erro.

Eis que estáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos. Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo (dentro de mim), e eu não estava convosco (*conf.* 10, 27,38).

Agostinho não perde a oportunidade de aprofundar em uma análise minuciosa sobre si mesmo, para dar explicação de seus erros, deixando às claras a origem de seu fracasso, buscar fora a plenitude da vida.

Mas Vós, Senhor, enquanto ele falava, fazíeis-me refletir sobre mim mesmo, tirando-me da posição das costas que me tinha posto para eu não poder ver a mim mesmo. Colocáveis-me perante meu rosto, para que visse como andava torpe, disforme, sujo, manchado e ulceroso. Via-me e horrorizava-me; mas não tinha por onde fugir (*conf.* 8, 7,16).

O desejo e a urgência de Agostinho em se conhecer, para poder se curar, leva-o a esclarecer e a entrar na razão. Não é o momento de jogar com a ambiguidade ou com o equívoco, mas dizer a si mesmo as coisas claramente.

Não sejas vã, ó minha alma, nem ensurdeças o ouvido do coração com o tumulto de tua vaidade. Ouve também: o mesmo Verbo clama que voltes. O lugar de descanso imperturbável está onde está o Amor não é abandonado, a não ser que o Amor nos abandone primeiro (*conf.* 4, 11,16).

A prudência é sempre *regresso ao coração*, voltar a traçar a vida no tu ao tu, de pessoa a pessoa, sem incógnitos nem escusas por meio de terceiros, com a valentia de assumir os êxitos e os fracassos. Na chave da revisão de vida somos convidados a adentrar-nos, a escutar com simplicidade de coração e a estar dispostos a seguir o Mestre. Agostinho se apoia neste caso em Isaías.

Está – Deus – no íntimo do coração, mas o coração errou longe d’Ele. Voltai, ó pecadores, ao coração, e ligai-vos àquele que vos criou. Firmai-vos n’Ele e estareis firmes. Descansai n’Ele e descansareis. Para onde ides por caminhos escabrosos? Para onde ides? O bem que amais d’Ele procede... Por que andar de contínuo por caminhos difíceis e trabalhosos? Não há descanso onde o procurais. Procurais a vida feliz na região da morte: não está lá. Como encontrar vida feliz onde sem sequer vida existe? (*conf.* 4, 12,18).

Encontro com a Verdade

Ao final, Agostinho desfaz o nó que o atava ao exterior, ou seja, rompe com a cultura dominante do ‘deixar-se levar pela corrente’, ‘usar e descartar’, viver pelos sentidos, buscar o êxito e a fama. Começa a buscar com os amigos um caminho novo, o do silêncio, do estudo, do diálogo, da interioridade. Por essa via, a da verdade, entra no círculo da vida, ou seja, recebe a vida de Cristo pelo batismo, e confessa transbordando:

Apenas acabei de ler estas frases (*Rm 13,13*), penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram (*conf. 8, 12,29*).

Agostinho reconhece neste encontro com a verdade, libertando-o de si mesmo e dando-lhe um respiro de vida em plenitude, não é mérito nem descoberta sua, mas da fé de sua mãe Mônica, que, ao receber a notícia de seu próprio filho, “pula de alegria, celebra a vitória”, bendizendo a Deus, “que sois poderoso para fazer as coisas mais superabundantemente do que pedimos ou entendemos” (*conf. 8, 12,30*). Agostinho, por sua vez, faz notar a mudança operada nele: “De tal forma me convertestes a Vós, que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma no século” (*conf. 8, 12,30*).

O homem por si só não pode senão dispersar-se, afastar-se sempre mais de si mesmo e de Deus. Mas carece de forças para se refazer. Só nos refaz quem nos fez:

As vossas mãos, meu Deus, ocultas nos segredos de vossa Providência, não abandonaram a minha alma... Vós procedestes comigo “de modo admirável”. Fostes Vós, meu Deus, quem dispôs deste modo as coisas, pois o “Senhor é quem dirige os passos do homem e lhe inspira o seu caminho”. Que nos salvaria senão a vossa mão, restauradora da obra que fizestes? (*conf. 5, 7,13*).

Tu não pudeste fazer senão perder-te; não sabes te encontrar, a não ser que te busque aquele que te fez (*s. 13,3*).

Deus não nos abandona. Chama constantemente, nos busca, nos espera, sai ao nosso encontro, convida interiormente. A voz de Deus soa constantemente durante a dispersão. Porém não a escutamos por causa do ruído das coisas.

Ensurdeci com o ruído da cadeia de minha mortalidade, em castigo da soberba de minha alma. Afastava-me para mais longe de Vós, e me permitíeis (*conf. 2, 2,2*).

Por isso precisamos criar uma *zona de silêncio* interior, embora se trate melhor de uma *atenção ao espírito* e de uma disposição pessoal para escutar e, conseqüentemente, para responder. Junto com o atrativo das coisas e sua fascinação, que pedem nossa atenção e prostram a pessoa no vazio da dispersão, existe outra atração, outra voz a marcar um caminho totalmente novo.

A inquietação é a atração e a chamada de Deus, “porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (*conf. 1, 1,1*). Esta inquietude existente dentro de nós é aquela a nos resgatar do viver na intempérie da exterioridade e a nos salvar de perecer no costume ou indolência. Não nos deixa repousar no erro e longe de Deus, nosso único descanso.

Ria-se de mim com ironia animadora, como que a dizer: “Então, não poderás fazer o que estes e estas fizeram? É porventura por si mesmos que estes o podem fazer? Não é por virtude de seu Deus e Senhor? ... Por que te apoiás em ti, ficando assim instável? Lança-te n’Ele e não temas! Ele não fugirá de ti, e tu não cairás. Lança-te confiadamente, e Ele, recebendo-te, curar-te-á” (*conf. 8, 11,27*).

Agostinho rompe o assédio do costume

Graças à misericórdia do Pai, Agostinho rompe o cerco de sua vontade débil e aposta no ‘agora mesmo’. Com este lance ficava para trás, definitivamente solucionada aquela pergunta angustiante de Agostinho:

Sentia ainda que elas me prendiam. Soltava gritos lamentosos: “Por quanto tempo, por quanto tempo andarei a clamar: Amanhã, amanhã? Por que não há de ser agora? Por que o fim das minhas torpezas não há de vir já, nesta hora?” (*conf. 8, 12,28*).

Por que não *hoje mesmo*? Nada do ‘cras, cras’ ou o costume entorpecedor. Agostinho se dá conta de que, para ser feliz não precisa ter tanto nem se preocupar tanto consigo mesmo, mas decidir-se pela entrada de um círculo maior. “E agora tudo era não querer aquilo que eu queria, e querer o que Vós queríeis (*conf. 9, 1,1*).

O *demorar* não é legítimo; é uma deslealdade ante o amigo. E pessoalmente é uma incoerência. Queremos ser felizes, mas somos bastante torpes para garantir a maneira de consegui-lo. Uma pessoa inteligente, madura e que está em dia com quase todas as coisas não pode permitir-se a estupidez de viver *precariamente* ou no jogo da *improvisação*. O que faz parte de nosso labor, preocupação ou gozo de todos os dias, a longo prazo deve ser organizado e bem garantido e feito desde o começo. Não serve viver ao ritmo que nos impõem de fora ou ao baque dos sentimentos: generosos ou avarentos, piedosos ou frios, dispostos a tudo ou ausentes, dependendo de como acordamos ou da vaidade do ambiente.

A Verdade em pessoa: o Cristo humilde

Embora, de alguma forma, Agostinho honradamente viesse se preparando para este encontro com a Verdade e a buscava sem saber, é o Pai quem sai com uma chamada inesperada e aparentemente absurda: *Toma e lê!* A partir desse encontro, o Agostinho convertido está em condições de viver a nova *cultura do encontro*, que lhe ensina a ir recolocando cada coisa, seu saber e suas experiências à luz nova da humanidade do *Cristo humilde*. O Agostinho soberbo de antigamente não podia imaginar o quanto ia aprender com uma figura tão disforme e tão pouco edificante: o Crucificado.

Buscava um meio para me prover de forças a fim de ser apto para gozar-Vos, mas não o encontraria, enquanto não abraçasse o Mediador ente Deus e os homens, Jesus Cristo... Como possuía pouca humildade, não compreendia que Jesus, o meu Deus, fosse humilde, nem alcançava de que ensinamentos fosse mestra a sua fraqueza (*conf. 7, 18,24*).

Agora aprendeu a descansar na Verdade, não em si mesmo nem no eco caprichoso da fama. Sua estabilidade anímica e suas sensações já não dependem do exterior, nem sequer fundamentalmente de si mesmo. Já não se mede nem valoriza pelo que faz, mas pelo que ama: “O meu amor e o meu peso. Para qualquer parte

que vá, é ele quem me leva” (*conf.* 13, 9,10). É a nova forma de medir, uma cultura nova, a do amor humilde e servidor; registra-a para um mundo novo, vai entregar a ela sua vida sem descanso. A partir dessa perspectiva e com esse critério de valor, ativa a plataforma da *cultura do coração*, na qual recupera todo o anterior (cultura, relações, tempo, compromissos) em uma nova perspectiva humana (de serviço como sacerdote e pastor) e espiritual (dedica-se ao estudo das Sagradas Escrituras, à meditação e à oração), as duas inseparavelmente unidas.

A novidade deste encontro com o Deus-Verdade é impactante para Agostinho, e nos convida a refletir sobre nossa própria vida, para não atrasar esse momento de poder transformador de vidas.

Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, eu não estava convosco! Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém chamastes-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brilhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o, suspirando por Vós. Saboreei-Vos, e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e ardi no desejo da vossa paz (*conf.* 10, 27,38).

Agostinho obteve o documento de identidade definitivo, sem depender do vaivém dos tempos, cultura ou costumes. O documento universalmente válido do *amor*. Para saber qual a utilidade e até onde pode chegar com esse documento, em uma síntese genial do divino com o humano, Agostinho faz alarde de sua boa saúde, ao proclamar aos quatro ventos que seu documento do amor está ativado:

A minha consciência, Senhor, não duvida, antes tem a certeza de que Vos amo. Feristes-me o coração com a vossa palavra e amei-Vos... Que amo eu, quando Vos amo? Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz, tão amiga destes meus olhos, nem as doces melodias das canções de todo o gênero, nem o suave cheiro das flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão flexíveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quando amo o meu Deus. E, contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um alimento e um abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume e abraço do homem interior (*conf.* 10, 6,8).

A chave da recuperação de Agostinho está no encontro com o Jesus humilde, que passa a ser o mestre interior da escola de interioridade e da *cultura do coração* recém-inaugurada. Ele é consciente de que o Pai o libertou do passado rompendo as cadeias, que foi bom e misericordioso com ele ao explorar a profundidade de sua mente e secar com sua direita o abismo de seu canceroso coração, para se converter e seu ajudante e redentor. Dizendo tudo de uma só vez, Agostinho nos dá esta confissão humilde e impetuosa do amor agradecido:

Quão suave se me tornou de repente carecer de delícias fúteis! Receava perdê-las, e agora já sentia prazer em abandoná-las! Vós, a verdadeira e suprema Suavidade, as afastáveis de mim. Vós as afastáveis, e em vez delas entráveis Vós, mais doce que todo prazer, mas não para a carne e o sangue, mais resplandecente que toda a luz, mas mais oculto que todo segredo, mais sublime que toda honra, mas não para aqueles que se exaltam em si mesmos.

Já meu coração estava livre de torturantes cuidados, de ambição, de ganhos, e de se revolver e esfregar na sarna das paixões. Entretinha-me em conversa convosco, minha Claridade, minha Riqueza, minha Salvação, Senhor, meu Deus (*conf.* 9, 1,1).

Agostinho continuará movendo-se em meio de um mundo de múltiplas ofertas e de sedução já conhecido dele, mas visto com outro critério e com outra cultura,

chamando-o a passar tudo pelo coração. Terá muitos problemas, mas recobrou a paz e se sente livre e feliz. Decepcionado com a cultura do ambiente, entra no círculo da *verdade*, apoiado no encontro com o *Cristo humilde*, que o leva pela mão ao coração do Pai. Aqui encontra a fonte inesgotável da nova *cultura do coração*.

A CULTURA DO CORAÇÃO

Agostinho passou pela história como *doutor* do saber e mestre de doutrina. Assim foi reconhecido pela Igreja ao incluí-lo entre os Padre do Ocidente. Mas merece ainda um reconhecimento como criador de uma *cultura* nova, a *do coração*. Esta originalidade e identidade herdada pelos seus filhos da família agostiniana. É nossa responsabilidade manter viva essa chama, que ilumina e nos molda como filhos seus a serviço da Igreja. Agostinho foi original ao responder à cultura recebida com uma oferta nova em seu tempo e válida hoje para nós. Não se trata (só) de um saber, de um tesouro de conhecimentos transmitidos de forma não acadêmica através de seus sermões e escritos, mas, sobretudo, de uma postura vital, de uma maneira de entender a vida, de uma atitude pessoal, de um servir com gestos compreensíveis todo o saber armazenado, de forma que Agostinho, pela transparência e frescor de seus escritos, teve um título de cidadania em cada época da história. Por isso, sem dúvida, continua sendo o *Augustinus semper noster*.

Bases para uma cultura do coração

- A verdade é ponto de partida e de encontro, ao qual há de chegar sem vantagens nem concessões.
- Consciência de buscador sincero, sem preconceitos e sem medos. Os preconceitos fecham o caminho à verdade, e os medos impedem os passos necessários para se comprometer: “Dai-me a castidade e a continência; mas não me a deis já” (*conf. 8, 7,16*).
- Abertura e disponibilidade. Sem estes requisitos não faz sentido ansiar entrar em diálogo com ninguém. Se não estás disposto a escutar ou te reservas a firma, que fica submetida às tuas condições subjetivas, não jogas limpo; é inútil sentar-se à mesa com cartas marcadas.
- O encontro é uma opção de verificação e crescimento com matizes claramente pessoais. És tu, em tua consciência, quem decide jogar essa partida, para ganhar. O êxito está assegurado de antemão, se participas com lealdade, pois não depende do encontrado em tua experiência (bom ou mal, êxitos e fracassos), mas da disposição de encontrar-te contigo mesmo (*noverim me*) e, sobretudo, da tomada de consciência de te haver encontrado já com quem te compreende e reabilita (*noverim te*). Talvez te descubras como *miser homo*. Não te inquietes nem percas o ânimo. Tenha paciência, porque ao mesmo tempo descobrirás que ao teu lado, diante de ti, está o

remédio necessário da misericórdia divina. Assim fica restabelecido o equilíbrio, em parte dependendo só de ti. O mais importante desta tua nova construção está nas mãos e no coração do Pai. Agostinho também teve isto claramente, quando confessa agradecido ao Pai: “Dissolvestes-me, como gelo, os pecados” (*conf.* 2, 7,15), e se encontra com a sensação tranquilizante de que “Vós, bom e misericordioso Senhor, olhastes para a profundidade de minha morte e, com vossa direita, exauristes do fundo do meu coração o abismo de perversidade” (*conf.* 9, 1,1).

Agostinho dá um passo de gigante com sua confissão humilde, abrindo caminho à misericórdia: “São muitas e grandes as minhas fraquezas! Sim, são muitas e grandes, mas maior é o poder da vossa medicina (misericórdia)” (*conf.* 10, 43,68).

A chave está em Agostinho saber se decidir para ocupar o lugar que lhe cabia como pecador: “Olhai, eu não escondo minhas feridas. Vós sois o médico, e eu o enfermo; sois misericordioso e eu miserável” (*conf.* 10, 28,39).

Âmbito da cultura do coração

A *cultura* que o Agostinho convertido concede e sua *forma de entender a vida* não fecha a pessoa num mundo individual, frio, insensível e desconectado do mundo e da história humana, melhor, abrem-lhe perspectivas novas que envolvem a totalidade do olhar e implicam por sua vez a mente e o coração em uma unidade fecunda e sugestiva. Desde sua especialidade carregada de experiência, está preparado para mergulhar nas latrinas da miséria humana e, por sua vez, para alçar o olhar e descansar em quem é capaz de dar respostas e acompanhar no caminho com uma presença que “não abandona, se não é abandonado”. Coloco somente alguns aspectos da aplicação desta cultura do coração.

- Cultura da *busca inquieta*, frente ao consumismo, preguiça, individualismo e a passividade do costume agressivo.
- A cultura da *interioridade* como método, sem a qual é impossível alcançar a temperatura necessária para gerar vida, permanecendo sempre conectados ao Mestre Interior.
- Cultura do *diálogo* ante o fechamento, dogmatismos, pensamento único e intransigência. Usufruir da vida partilhada, esquecendo vantagens pessoais e assumindo diferenças. A vida em comunidade é o lugar privilegiado para o diálogo e o encontro fraterno.
- Cultura, sobretudo, do *coração*, como resposta próxima e à medida do homem peregrino, solitário e assaltado pela falta de solidariedade, a insensibilidade, a incompreensão e a injustiça.

O QUE NOS ENSINA A EXPERIÊNCIA DE AGOSTINHO

Não é difícil reconhecer nossa humanidade, *fragilidade*, volatilidade e, portanto, nossa exposição em nos perder nas desculpas e na busca de soluções à nossa maneira. Não esqueçamos nossa inclinação ao que nos agrada e nos traz uma gratificação imediata; evitamos o esforço e é difícil para nós enfrentar os problemas. É difícil listar os que nos parecem egoístas, soberbos, preguiçosos, inumanos. Seria bom facilitar uma imagem por parte de um irmão disposto a nos dizer a verdade. Agostinho nos fez um *self* cru em suas *Confissões*.

Só os *buscadores da verdade* se curam e amadurecem. Esta atitude imprescindível, unida à *humildade*, nos tirará sempre do poço da subjetividade e da indiferença. Foi muito difícil para Agostinho descobrir essa carta, mas ao final jogou com maestria. No seu caso, segundo o próprio relato, não foi questão de confessar desculpas, mas de reconhecer as ajudas e agradecer a misericórdia do Pai, ao resgatá-lo e curá-lo.

Os decididos em viver despertos *lutam incansáveis contra o costume*. Agostinho não se deixou dobrar por sua vida prolixa, mas, alertado por seu desassossego, continuou buscando. Apoiou-se nos amigos com os quais trocava seus pensamentos, desencantos e preocupações; retirou-se para pensar, para continuar buscando, longe do ruído e das ambições da vida. O ambiente e a cultura na qual vivemos não facilita o recolhimento, o silêncio, o estudo, a decisão livre. Envolve-nos e entorpece. De uma oferta ao serviço do consumidor para seu crescimento e sua liberdade, passa ao devorar os presos nas redes dos próprios interesses.

Precisamos olhar-nos com realismo. Voltar ao coração, sem escapismos nem fantasias. Somos o que somos diante de Deus, não o que gostaríamos de ser ou o que acreditamos ser. Sim, somos filhos de Deus, mas é mais fácil fazer-nos de príncipes e não sermos fiéis. Sejamos realistas na hora de tentar um ajuste para nos colocar a caminho com expectativas novas.

Agostinho não conseguiu nada definitivamente até que, soltando as amarras, deixou-se vencer e envolver pela *graça*. Todo seu interesse pela cultura mudou de repente ao descobrir e se encontrar com o Deus da verdade e da beleza. O encontro com Cristo e as relações vitais com o Mestre interior nos habilitam para outros encontros fecundos no serviço aos irmãos.

Agostinho deixou muito claro aonde a verdade e a vida são forjadas e abalizadas: no *homem interior*. Aí, nesse recito sagrado, o encontro se dá sem a necessidade de espaços exteriores (figuras, luzes, ruídos), mas de um *coração* capaz de sintonizar na mesma onda do coração do Pai. É muito importante enchê-lo de conhecimentos, porém, sobretudo, de *humanidade* (todos somos irmãos) e de *disponibilidade*, para pôr-se ao serviço dos outros (tu és dom para teus irmãos).

LECTIO AUGUSTINIANA

O testemunho de Agostinho me diz o que hoje?

Talvez nos sintamos tão desalentados, já quase jogando a toalha. Diante de tantas perguntas sem resposta, tentativas fracassadas, mentiras e abusos de poder, diante da injustiça e do caos vendidos como progresso e liberdade, alguém pode chegar à conclusão de acreditar que tudo está perdido, já não podendo fazer nada. É a tentação mais lógica, para ignorar a busca, e é a primeira receita de Agostinho.

Para não nos esvaziar e desaparecer em uma cultura ‘líquida’ e para dar respostas a um mundo em queda livre, precisamos fazer uma leitura comprometida do presente, uma *lectio augustiniana*, ajustada ao contexto vital e social em que vivemos. Um olhar atento e sincero a nós mesmos, sempre necessário, nos permite ver só uma parte do real, talvez o menos aceitável, nossa fragilidade. É preciso continuar buscando. E, se dentro de ti, por mais voltas que dê, acreditas esgotados já todos os recursos e não encontras o que te faz falta, não caias na armadilha de acreditar que o que precisas e estás buscando está fora ou não existe. Agostinho percorreu caminhos parecidos com os teus, até o limite de acreditar já não haver alternativa senão a de ‘fugir à solidão’ (*conf.* 10, 43,70). Tinha a sensação e a angústia de ter perdido o último trem.

Mas ao final, encontrou a chave: por uma parte, controlar os contatos com o mundo exterior, o sensível e o material; e, por outra, com paciência, levar a sério uma nova tentativa: *entrar dentro de si*. Assim se deu conta de que disponha de uma esquecida ferramenta humana de busca, não como *último recurso*, mas como a arma primeira e mais potente, imprescindível para uma *cultura do coração*.

Este ponto faz brotar em mim uma admiração sem limites que me subjuga. Os homens vão admirar os píncaros dos montes, as ondas alterosas do mar, as largas correntes dos rios, a amplidão do oceano, as órbitas dos astros: e nem pensam em si mesmos! (*conf.* 10, 8,15).

PAUTAS PARA A REFLEXÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA

1. Em que forma de cultura vivo minha vida? Para, pensa e discerne com realismo. Deixa o Espírito descobrir tua verdade.
2. Estas disposto a entrar no recôndito de teu coração, para descobrir as verdadeiras razões de seu querer e agir?
3. Em minha vida, tenho ativado o *motor de busca*, como atitude de compromisso com os sinais dos tempos, e estou disposto a desgastar minha vida no serviço dos demais?
4. Deixo-me levar pela superficialidade, a inércia, a comodidade e o costume?
5. Aproveito o diálogo como elemento de purificação e crescimento pessoal, e por sua vez como ferramenta a me abrir aos outros?
6. Minha vida, em seus detalhes, está orientada ao serviço dos demais ou, melhor, revela interesses pessoais de desfrute e de comodidade?

PEDRO MERINO CAMPROVÍN OAR
Monastério de Yuso
San Millán de la Cogolla (Espanha)



agostinianos
recoletos

Instituto de Espiritualidade e História
Cúria Geral